

Descobrir a verdade pode acabar com tudo que você ama.

REESE
WITHERSPOON

SEM

CHANCE

DE ADEUS

HARLAN COBEN

Fronteira tríplice, norte da África

Não escuto o grito.

A enfermeira escuta. A anestesista também. Estou concentrado demais, o tipo de concentração que só consigo manter dentro de um centro cirúrgico, com um esterno aberto diante de mim, como este, e minhas mãos enfiadas no tórax do menino.

Aqui é meu lar, meu escritório, meu santuário. Aqui eu fico zen.

Mais gritos. Tiros. Helicópteros. Uma explosão.

– Doutor?

Percebo o pânico na voz dela, mas não me mexo. Não desvio o olhar. Minhas mãos, os instrumentos cirúrgicos mais antigos da humanidade, estão dentro da cavidade torácica. Meu dedo indicador apalpa o pericárdio. Estou completamente concentrado nisso, e apenas nisso. Não há música tocando. Hoje em dia isso é incomum em cirurgias, eu sei, mas valorizo o silêncio nesse espaço sagrado, mesmo depois de passar oito horas fazendo transplante de coração. Minha equipe acha irritante. Eles precisam espairecer, se entreter, se distrair – e, para mim, o problema é justamente esse. Não quero distrações. O meu prazer e a minha excelência são resultado desse foco absoluto.

Mas os sons invadem o silêncio.

Tiros de metralhadora. Outra explosão. Gritos mais altos.

Estão se aproximando.

– Doutor? – A voz agora está trêmula, nervosa. E, como não estou escutando, ela insiste: – Marc?

– Nada que a gente possa fazer – digo.

O que não é um consolo.

Trace e eu chegamos em Gadamés há oito dias. Desembarcamos no aeroporto Diori Hamani, onde fomos recebidos por uma jovem que conhecíamos como Salima – se é que esse era o nome verdadeiro dela. Também havia um motorista corpulento, que não se apresentou nem falou nada com a gente. Nós quatro viajamos por dois longos dias no sentido nordeste, parando para dormir num abrigo perto de Agadez e depois em barracas sob as estrelas em Bilma. Deixamos o motorista no norte de Níger, atravessamos o deserto à noite e encontramos outro carro.

Salima e Trace estão de olho um no outro. Não me surpreende. Trace é o autêntico “pegador”, mesmo quando está cercado de morte... Bom, talvez seja justamente por isso.

É quando estamos perto da morte que mais nos sentimos vivos.

Salima continuou nos levando para o norte, até atravessar a fronteira entre a Argélia e a Líbia. A leste de Djanet, fomos detidos por meia dúzia de rebeldes armados até os dentes. Eram todos jovens – adolescentes, eu diria – e tremiam sob o efeito de algum narcótico potente. Eram chamados de Exército Mirim. Havia cheiro de sangue no ar. Com os olhos arregalados, os rebeldes nos pegaram, primeiro eu, depois Trace. Fizeram com que eu me ajoelhasse.

Puseram uma arma na minha nuca.

Eu ia morrer primeiro. Trace ia assistir. Depois, seria a vez dele.

Fechei os olhos, pensei no rosto de Maggie e esperei alguém puxar o gatilho.

O Exército Mirim não matou a gente, é claro. Salima, que é fluente em pelo menos quatro idiomas, se prostrou de joelhos e falou rápido. Não sei bem o que disse – ela não quis nos contar –, mas os rebeldes foram embora.

Mais gritos. Mais tiros. Chegando perto. Tento me apressar.

Não fui sincero com Maggie em relação aos diferentes riscos desta última missão. Não por achar que ela ficaria preocupada, mas por causa das promessas que tínhamos feito um para o outro. Ela teria insistido em vir junto.

Maggie e eu somos assim.

Quer saber o que é ser herói? Envolve altruísmo, claro. Mas envolve também ego, temeridade, sede de adrenalina.

Não temos medo do perigo. Temos medo da normalidade.

Com uma máscara cirúrgica no rosto, Trace espia dentro da sala.

– Marc?

– Quanto tempo a gente tem?

– Atearam fogo no lado norte do acampamento. Já são dezenas de mortos. Salima está tirando todo mundo.

Olho para a enfermeira e a anestesista.

– Podem ir – digo para elas.

– Não vai dar para salvar o menino – diz a enfermeira para mim ao se afastar. – Mesmo se você terminar a tempo, mesmo se ele conseguir sobreviver à cirurgia, eles não vão deixar o menino vivo.

Não sei quem são “eles”. Não sei quais são as justificativas, as origens, a história, as facções, as tribos, os líderes, os fanáticos, os extremistas, os inocentes. Não sei quem são os vilões ou os mocinhos, ou por que essas pessoas estão neste acampamento de refugiados, ou qual é o lado do opressor e qual é o dos oprimidos. E não é porque sou indiferente a política. É só porque para mim, Maggie e Trace isso não pode fazer diferença.

Continuo operando o paciente, um rapaz de 15 anos chamado Izil. Torço para que todo mundo que eu trato seja inocente, mas duvido disso. Não pode ser responsabilidade nossa descobrir quem está de que lado. Nosso trabalho, sem querer soar presunçoso demais, é salvar vidas. Sabe aquela expressão, “entrega para Deus”, que as pessoas usam quando não têm mais saída? Para a gente, a que faz mais sentido é “enquanto há vida, há esperança”. Deu para entender, né?

Não estou “em cima do muro”. Para mim não existe “muro”.

– Todo mundo para fora – digo. – Não quero mais ninguém na sala.

– Marc – diz Trace.

Nossos olhares se cruzam por cima das máscaras cirúrgicas. Trace e eu nos conhecemos há muito tempo. Fizemos a residência em cirurgia juntos. Prestamos assistência médica em crises humanitárias como esta no planeta inteiro. Ele é um dos cirurgiões cardiovasculares mais competentes do mundo.

– Posso ajudar a fechar – diz Trace.

– Deixa comigo.

– A gente espera.

Balanço a cabeça, mas ele sabe.

– Deixa uma ambulância para mim – digo. – Não vão atirar nela.

Nós dois sabemos que, nos dias de hoje, não é mais bem assim.

A gente não devia ter vindo. Eu não devia ter permitido. Devia ter resolvido o assunto, dado tchau e voltado para casa.

Devia estar com Maggie.

Não me despeço de Trace. Ele não se despede de mim.

Mas esta vai ser a última vez que o vejo.

Segundos depois, ficamos só eu e Izil na sala. Eu me apresso, com a ideia idiota de que vou conseguir. Estou fechando o tórax do menino quando as portas se abrem de repente.

Rebeldes armados entram. Não sei quantos. Todos com aquela expressão surtada nos olhos. Já vi essa expressão antes. Vezes demais. Vi poucos dias atrás, a leste de Djanet.

E às vezes vejo no espelho.

Fecho os olhos, penso no rosto de Maggie e espero alguém puxar o gatilho.

CAPÍTULO UM

Baltimore

Um ano depois

Maggie McCabe não deveria ter vindo.

– Onde é que você está? – pergunta Marc.

Maggie abaixa o rosto e olha para o marido na tela do celular.

– Já falei.

– Johns Hopkins?

– É.

– Na praça?

– É.

– Foi onde a gente se conheceu – diz ele. – Semana de orientação na faculdade de medicina. Lembra?

– Claro que lembro – responde Maggie.

– Eu soube logo de cara que você era a mulher da minha vida.

– Credo.

– Estou tentando dar uma animada.

– Não adiantou.

– E aí, o que você está fazendo?

A lembrança leva Maggie de volta para a primeira vez dela no campus, jovem e com brilho nos olhos, cheia de esperança, otimismo, energia, vigor e todas essas bobagens. Quanta ingenuidade. Acontece que, quando o nosso mundo desaba – quando nós temos tudo e até sabemos, reconhecemos e valorizamos isso o tempo todo, quando compreendemos o tamanho da nossa sorte e, por causa dessa gratidão, caímos na ingenuidade de achar que o universo vai nos recompensar, ou pelo menos não vai atrapalhar –, nós aprendemos do jeito mais difícil que o destino é voluntarioso, que a

vida é um caos e ninguém sai ileso, que dá para perder tudo de repente, da noite para o dia...

– Estou curtindo uma fossa – diz ela.

– Vamos, entra logo.

– Quero ir para casa.

Marc franze o cenho.

– Para com isso.

– Não estou pronta.

– Está, sim. Por favor? Eu quero que você entre lá. Faz isso por mim.

– Sério?

Ela ergue a cabeça, olha para a cúpula branca acima do Shriver Hall e reprime uma lágrima. Uma hora antes, havia se esforçado para colocar um vestido longuete formal azul-marinho de manga comprida. Preto, não. Seria mórbido demais. Azul-marinho parece uma opção segura: respeitosa e discreta. Na verdade, ela preferiria ser engolida pelo chão a chegar perto de ser o centro das atenções nessa noite específica.

– Maggie?

– Oi.

– Entra. Seria muito importante para mim. E para a sua mãe.

– Uau! – exclama Maggie.

– Quê?

– Você nunca foi tão sentimental e manipulador assim.

– Já fui, sim – diz Marc.

– Já foi, sim – concorda ela com a voz terna. Então acrescenta: – Que saco.

– Quê?

– Nada, deixa pra lá.

Há 22 anos, Maggie se formou nessa consagrada instituição, com todas as honrarias possíveis e imagináveis para estudantes de medicina. Fez a residência em cirurgia no NewYork-Presbyterian, tornou-se uma renomada cirurgiã plástica reparadora, serviu o país nas linhas de frente do Afeganistão e do Oriente Médio como médica de campanha, casou-se com Marc e viajou para o exterior com ele com o objetivo de tratar os necessitados.

– Alô? – chama Marc do celular.

– Vão ficar me olhando.

– É claro – diz ele. – Você é gata demais.

Maggie franze a testa. Certas coisas não mudam nunca.

– Vai – insiste ele.

Ela aquiesce, porque ele tem razão, e desliga. A capa do celular dela tem dois personagens dos M&M's: o amarelo dando um buquê de flores para a verde. Marc lhe dera essa capa em parte como um presente genuíno, em parte como uma brincadeira. Maggie & Marc. M&M. Marc comprara também fronhas e almofadas dos M&M's. Ele achava uma gracinha. Maggie achava uma grande cafonice, o que só o incentivara.

– Maggie?

Ela leva um susto ao ouvir a voz e larga o celular dentro da bolsa. Maggie se vira e encontra um antigo colega de turma, Larry Magid, dermatologista. A última vez que o viu foi há cinco anos, no Nepal, quando ele foi ajudar Maggie e Marc com um surto de hanseníase, uma doença mais conhecida como lepra. Ela e Larry acabaram trabalhando no mesmo hospital, e até no mesmo andar, então ele entendia muito bem as aflições atuais dela.

– Oi, Larry.

Ele se retrai.

– Você veio para...? Hã, quer dizer, você vai...? – pergunta ele, gesticulando na direção do edifício.

– Aham – responde Maggie.

– Ah.

– O que foi?

– Nada.

– Criaram uma bolsa em homenagem à memória da minha mãe – diz ela.

– É, fiquei sabendo.

– Foi por isso que eu vim.

– Beleza. Tenho que ir. Mickey deve estar me esperando.

Ele sai às pressas como se ela tivesse lepra, e Maggie fica com vontade de berrar. Ela quer pegar o celular, ligar de novo para Marc e resmungar “Viu só?”, mas o telefone está dentro da bolsa e agora ela está um pouco irritada, então que se dane.

Maggie sobe com relutância os mesmos degraus que havia subido com entusiasmo para receber o diploma há duas décadas. A faixa pendurada acima da porta diz:

EVENTO DE RECONHECIMENTO DE BOLSA
BEM-VINDOS DE VOLTA, EGRESSOS DA JOHNS HOPKINS!

O salão vibra. A música, tocada por um quarteto de cordas do corpo discente atual, é o Quarteto para Cordas N. 19 em Dó Maior de Mozart. Com as mãos coladas ao corpo, Maggie não consegue resistir ao impulso semiconsciente de mexer os dedos no ritmo da melodia, como se estivesse segurando um violino. Entre médicos e bolsistas, há cerca de quinhentas pessoas espalhadas pelo salão consagrado. Dá para ver que é um evento de médicos porque vários homens usam gravata-borboleta. É uma moda muito comum entre eles, porque gravatas normais ficam pendendo do pescoço e atrapalham durante um exame. O pai dela, cirurgião do Exército que também atuou em combate como médico de campanha – no Vietnã, no caso –, sempre usava gravatas floridas bem coloridas. Ele dizia que era para passar um ar meio brincalhão, ou seja, para oferecer aos pacientes algo humano e reconfortante.

Quando Maggie finalmente entra no salão, ninguém se cala, ninguém congela, nada do tipo, mas com certeza há um toque de hesitação no ar.

Ela continua ali parada por uns bons segundos, bastante sem graça, como se de repente suas mãos tivessem ficado grandes demais. O rosto cora. Por que veio? Ela procura um amigo, ou pelo menos um rosto conhecido, mas só reconhece o do cartaz em um cavalete no tablado.

Sua mãe.

Nossa, como ela era bonita.

A foto que eles imprimiram fora tirada para o catálogo do corpo docente cinco anos atrás, o último ano da mãe dela como professora da instituição. Foi logo antes do diagnóstico, que ela escondeu das duas filhas nos três anos seguintes, até finalmente ligar para Maggie na clínica nova deles em Gana.

– Vou contar uma coisa, mas você tem que me prometer que não vai voltar para casa. Seu trabalho é importante demais.

Então Maggie prometeu e a mãe falou, e as duas choraram. Ela cumpriu a promessa, até a irmã, Sharon, ligar e falar:

– Está quase na hora.

Maggie se despediu de Marc no Aeroporto Internacional de Dubai, falou para ele encerrar as coisas e voltar logo para casa, e então foi acompanhar os últimos dias da mãe junto de Sharon.

Maggie mantém o foco nos olhos da mãe no cartaz, porque, no momento, esse é o único rosto amistoso no salão. Ela sai andando de cabeça ergui-

da na direção do tablado. Espera que seja narcisismo dela, mas parece que as conversas cessam ou ao menos se aquietam quando passa. Segue-se um burburinho, ou talvez seja só coisa da cabeça dela também. Mesmo assim, Maggie não desvia o olhar nem usa a visão periférica. Seus olhos continuam fixos nos da mãe, mas agora dá para sentir os olhares.

Um vulto familiar aparece na frente dela e diz:

– Que surpresa você dar as caras.

É Steve Schipner, vulgo Steviscoso, cirurgião plástico reparador que nem ela, mas, ainda bem, completamente diferente. Ele tem uma conta no Instagram, com mais de um milhão de seguidores, cheia de fotos de “antes e depois”, e se diz Encantador de Peitos. Ela e Steve se formaram na mesma turma e participaram de um estágio em cirurgia sob a tutela do Dr. Evan Barlow. Steve é o tipo de cara que não consegue dar nem um bom-dia sem insinuar um duplo sentido nojento, por isso o apelido. Ele agora mora em Dubai e, segundo o perfil do Instagram, virou especialista em “influenciadoras ambiciosas interessadas em incrementar os números nas redes sociais, na vida... e no tamanho do sutiã”.

– É, bom, eu sou surpreendente – diz Maggie.

Ele olha em volta e repara nos olhares hostis.

– Pelo menos *eu* estou feliz de te ver.

– Obrigada, Steve.

– Já viu Barlow?

– Você viu? – pergunta ela.

– Não.

– Duvido que ele venha.

– Ouvi falar que ele daria uma passadinha. Quero conversar com ele sobre uma parceria bacana e... – Ele para, se vira e abre um sorriso. – Ah, adivinha onde eu trabalho agora.

Ela não quer adivinhar, mas não entrar no jogo seria pior.

– Ouvi falar que é em Dubai.

– É, mas *onde* em Dubai?

– Não sei, Steve. Onde?

Ele chega mais perto.

– Apollo Longevity – cochicha.

Maggie tenta manter o rosto impassível. Precisa se esforçar.

– Não era lá que você e Marc...? – continua Steve.

– Não tenho mais relação com a clínica.

Maggie tenta assimilar a notícia. A Apollo Longevity ainda funciona. Até agora. Mesmo depois de tudo que aconteceu.

Isso não é bom.

Steve a analisa de cima a baixo, um olhar que parece rastejar pelo corpo dela como minhocas depois de uma tempestade.

– Você está ótima, Mags. – Ele arqueia a sobrancelha e acrescenta: – *Muito* ótima. Pra *lá* de ótima.

Maggie emite um murmúrio de indiferença, tipo “aham”.

– Toda tonificada, em forma – continua Steve, flexionando um bíceps para enfatizar o elogio. – Você faz o quê? Musculação? Pilates? – Sobrancelha arqueada de novo. – Dá uma suada gostosa na yoga?

Ela balança a cabeça.

– Essas cantadas já funcionaram com alguém, Steve?

– Sempre funcionam, Mags. Sabe por quê?

– Não precisa me dizer, mas já sei que você vai dizer mesmo assim.

Ele chega perto do ouvido dela.

– Porque agora eu sou um cirurgião rico e bem-sucedido de 47 anos. Consigo pegar umas novinhas bem mais jovens que você.

Ela faz uma careta.

– Você falou “novinhas mais jovens” mesmo?

– Você não é melhor do que eu – diz ele. E, em um sussurro cruel, acrescenta: – Não mais.

E então Steviscoso se afasta.

O rastro gosmento que deixa vai até uma aglomeração de antigos colegas de turma deles no canto direito. Maggie conhece todo mundo, mas, quando olha naquela direção, estão todos agrupados e se esforçando ao máximo para fingir que não a viram. Uma parte dela está furiosa e com vontade de confrontá-los, mas outra, mais forte e mais honesta, se pergunta se ela também estaria naquele grupinho de olhares esquivos se fosse outro colega passando por esse constrangimento.

Dane-se.

Maggie vai direto para o meio do grupo.

– Oi, pessoal – cumprimenta.

Silêncio.

Ela olha para cada um dos rostos. Ninguém a encara.

– Stephanie – diz Maggie para uma antiga amiga que está com os olhos grudados no champanhe como se a taça guardasse algum segredo –, como está a Olivia?

Olivia é a filha de Stephanie.

– Ah, está bem.

– Minha carta de recomendação ajudou?

Maggie sabe que ajudou. Havia escrito a carta um ano atrás, quando seu nome abria portas em vez de fechá-las. Já sabe que Olivia passou, claro, mas no momento ela não está a fim de dar colher de chá para ninguém.

– Stephanie? – insiste.

Antes que Stephanie responda, Bonnie Tillman, outra colega, segura o cotovelo de Maggie.

– Podemos dar uma palavrinha em particular, Maggie?

Bonnie é oftalmologista em Washington e também (sempre vai ser) a representante discente. O cabelo dela é um capacete moldado com laquê. Ela abre um sorriso falso. Precisa se esforçar bastante para sustentá-lo. Dizem que são necessários dezessete músculos para sorrir e 43 para fazer tromba. No caso de Bonnie, é o contrário.

Elas saem por uma antiga porta dupla de vidro que dá para uma varanda.

– Todo mundo lamenta suas dificuldades recentes – começa Bonnie, com uma voz que só soaria mais condescendente se passasse por uma intervenção cirúrgica –, mas isso não apaga o que você fez.

Maggie não fala nada.

– Este evento – continua Bonnie – é para médicos de prestígio.

– É para egressos.

– Você entendeu.

Silêncio.

– Seu registro profissional foi cassado – prossegue Bonnie.

– Suspenso – corrige Maggie. – Está sob análise.

– Ah, então você é inocente?

Maggie não fala nada.

– É melhor você ir embora – insiste Bonnie.

– Não pretendo.

– Não é justo com a memória da sua mãe.

– Como é que é?

– Você não é a dona da memória dela, Maggie. Não nesta instituição. Ela

foi muito importante para vários alunos como a gente. A sua presença é uma mancha na memória dela.

– Fui convidada para apresentar a bolsa – diz Maggie.

– Isso foi antes.

– Ninguém cancelou o convite.

– Ninguém achou que fosse necessário.

– Então quem vai apresentar?

Bonnie se empertiga.

– Ué, você?

– A diretoria achou melhor.

– Mas minha mãe sempre te achou uma vaca metida e arrogante, Bonnie.

Bonnie arregala os olhos como se tivesse levado um tapa.

– O quê?!

Maggie não fala nada. Bonnie se recupera.

– Seja como for – diz ela –, é melhor você ir embora. Sua presença aqui é uma mancha para a reputação da nossa turma.

Bonnie se vira e vai embora. Maggie fecha os olhos por um instante, em seguida encara o vazio.

– Bonnie?

A mulher para e se vira de novo para Maggie.

– Minha mãe nunca falou nada disso. Desculpa. Não foi justo. Ela sempre falou bem de você. Foi uma boa decisão te chamarem para apresentar a bolsa.

Bonnie engole em seco.

– Vou me esforçar. Prometo.

Ela deixa Maggie sozinha na varanda. No lado de dentro, alguém começa a tilintar uma taça de champanhe com um garfo para chamar a atenção dos presentes. O barulho diminui. Alguém pede ao público que chegue mais perto para a apresentação começar. Maggie continua na varanda.

Bonnie tem razão. Ela não devia ter vindo.

Maggie olha para o jardim. Atrás dela, alguém fecha a porta de vidro, e ela para de ouvir o que acontece no salão. Tudo bem. Sente-se tentada a enfiar a mão na bolsa e ligar de novo para Marc, mas isso é uma muleta, o que a faz se sentir pior.

– Oi, Maggie.

O homem usa um terno azul-cobalto feito sob medida e uma gravata com um nó tão impecável que deve ter sido resultado da providência

divina. Seu cabelo é grisalho, partido para a esquerda com perfeição. Foi colega de turma da mãe dela. Maggie fora convidada para sua festa de aniversário de 70 anos pouco tempo atrás – e só não pôde ir porque estava no exterior.

– Oi, Dr. Barlow.

– Faz tempo que você não é mais minha aluna, Maggie. Não dá para me chamar pelo primeiro nome?

– Não, acho que não consigo.

Evan Barlow sorri. É um sorriso bonito. Ele tem uma aparência, nas palavras de um colega viscoso, toda tonificada e em forma. Maggie quase pergunta se ele sua gostoso na yoga. O médico dirige o Barlow Cosmetic Center, que talvez seja a clínica de cirurgia estética mais prestigiada e discreta do país. Quando celebridades querem fazer retoques sem que ninguém saiba, é em Evan Barlow que elas confiam.

Eles ficam lado a lado olhando para o campus.

– Sabe que essa é a primeira vez que venho aqui desde que me formei?
– diz ele.

– Sério?

– É.

– E por que o senhor veio?

– Adivinha.

– Minha mãe?

– Eu era apaixonado por ela, sabia?

– Não, não sabia.

– Ela e seu pai já faleceram, então agora eu posso admitir.

– Achei que vocês tivessem namorado só por algumas semanas.

– Foi no nosso segundo ano. Mas ela partiu meu coração.

Maggie franze a testa.

– O senhor não se casou três vezes?

– Quatro – responde ele.

– E sua esposa atual não tem tipo 30 anos?

– Trinta e dois – diz ele, abrindo as mãos. – Viu o que um coração partido faz com a gente?

Maggie não consegue conter um sorriso. Barlow também não.

– Seu pai era um homem incrível, muito melhor para ela. Então me contente com a amizade. Mas... – Ele balança a cabeça. – Com a idade, a

gente vai ficando sentimental e filosófico. Estou tentando fazer graça, mas também revelei uma verdade.

Quando ele sorri, a memória de Maggie revive as rondas na cirurgia do NewYork-Presbyterian. Ela se lembra da generosidade de Barlow como professor, do sentimento de exaustão e entusiasmo que a mera presença dele inspirava. Evan Barlow era uma descarga de pura energia vibrante. Era bom poder ser contagiado por essa sensação.

– Você foi a melhor aluna que já tive – comenta Barlow, como se lesse a mente dela. – Você sabe. É cirurgiã, então tem ego suficiente para saber que estou falando a verdade.

– Eu *era* cirurgiã.

Ela fecha os olhos com força, e então sente a mão dele no ombro.

A voz de Evan é incrivelmente terna.

– Maggie?

As lágrimas ardem nos olhos dela.

– Desculpa.

– Não tem problema.

– Eu decepcionei o senhor. – Ela abre os olhos. – E a *ela* também.

Não foi preciso dizer quem era *ela*.

– Que nada – diz ele. – Desculpa, não quis soar condescendente. Você decepcionou, sim. Não vou mentir. Você pisou na bola. Feio. Foi por isso que eu vim.

– Não entendi.

– Não preciso de uma cerimônia de inauguração de bolsa para celebrar a memória da sua mãe. Tem um jeito muito mais prático de fazer isso. – Barlow levanta a mão, como se estivesse se rendendo. – Acho que não me expressei direito. Vou começar de novo: vim aqui hoje para falar com você.

– Comigo? Por quê?

– Preciso pedir um favor.

Como ele faz uma pausa, Maggie diz:

– Pode falar.

– Quero que você venha me ver no trabalho segunda-feira.

– Segunda agora?

– É. Às dez da manhã.

– Agora existe um Barlow Center em Baltimore?

– Não, mas talvez exista num futuro próximo. Por enquanto, só em Palm

Beach, Los Angeles e Nova York. Quero que você vá a Nova York. Vou mandar um carro particular te buscar, e reservei uma suíte no Aman.

– Não entendi. Por que o senhor quer que eu vá a Nova York?

– Não posso dizer.

– Por que não?

– É que... não cabe a mim.

Maggie faz uma careta.

– Então cabe a quem?

– É uma oferta intrigante. É só isso que posso dizer.

– Não tenho mais registro profissional.

– Eu sei. A oferta é um pouquinho... – Barlow olha para o alto, como se estivesse procurando uma palavra melhor, mas acaba dando de ombros. – Atípica – diz, por fim.

– E o senhor não pode falar o que é?

– Não, não posso.

Ela pensa um pouco.

– Não me leve a mal, Dr. Barlow, mas isso é um pouco esquisito.

– Eu sei.

– Aliás, é mais do que esquisito.

– É, reconheço. Olha, eu sei que você e Sharon estão passando por um aperto financeiro sério...

– Como o senhor sabe?

– ... mas vou te dar um cheque de vinte mil dólares. Só para você ir até lá. Ele põe a mão no bolso do terno, tira uma caneta e...

– Isso é um talão de cheques? – pergunta ela.

– É.

– Estamos em 1987? Quem ainda anda com talões de cheques?

Barlow não consegue conter um sorriso.

– Eu queria estar preparado.

Ele começa a escrever no cheque.

– Não precisa fazer isso – diz ela.

– Preciso, sim. Você deveria ser remunerada pelo seu tempo.

– Não – insiste ela, com um pouco mais de firmeza. – Vou repetir: o senhor está agindo esquisito.

– Eu sei. – Ele guarda o talão de volta no bolso. – Você confia em mim, Maggie?

A verdade é que ela não confia mais em ninguém. Bom, em quase ninguém.

– Só mais uma coisa – diz ele.

– O quê?

– Prefiro que você não comente com ninguém sobre isso.

– Tenho que falar com a minha irmã.

– Seria melhor se não falasse.

– Eu moro com ela. Não posso ir do nada para Nova York.

– Claro que pode. – Ele dá um cartão para ela. – Vou mandar alguém entrar em contato para combinar sobre o carro.

– Prefiro pegar o trem – diz Maggie.

– Se você acha melhor... Vai ter uma reserva no seu nome no hotel Aman da Rua 57 a partir de amanhã à noite. Depois a gente se fala para combinar os detalhes para segunda.

Maggie pega o cartão de visita com impressão em alto-relevo e o observa. O Dr. Evan Barlow dirige uma das clínicas de cirurgia estética de luxo mais bem-sucedidas do mundo. Ele tem um patrimônio milionário, e isso está na cara. Ela tenta interpretar a expressão no rosto dele. É tranquila, profissional, elegante, cheia de imponência.

Mas será que ela também vê medo?

– Que história é essa, Dr. Barlow? De verdade?

– Não posso falar mais do que isso, Maggie. É pegar ou largar.

– E se eu largar?

Ele dá de ombros.

– Foi bom rever você.

Barlow dá um beijo no rosto dela e vai na direção da porta.

– Como o senhor sabia que eu viria hoje? – pergunta ela.

Alguma coisa surge no rosto dele, algo que ela não consegue decifrar. Ele balança de leve a cabeça e vira a maçaneta.

– Você vai ficar sabendo de tudo na segunda – diz Barlow, e volta para dentro do salão.

CONHEÇA OS LIVROS DE HARLAN COBEN

Até o fim
A grande ilusão
Não fale com estranhos
Que falta você me faz
O inocente
Fique comigo
Desaparecido para sempre
Cilada
Confie em mim
Seis anos depois
Não conte a ninguém
Apenas um olhar
Não há segunda chance
Custe o que custar
O menino do bosque
Win
Silêncio na floresta
Identidades cruzadas
Eu vou te encontrar
Sem chance de dizer adeus

COLEÇÃO MYRON BOLITAR

Quebra de confiança
Jogada mortal
Sem deixar rastros
O preço da vitória
Um passo em falso
Detalhe final
O medo mais profundo
A promessa
Quando ela se foi
Alta tensão
Volta para casa
Pense duas vezes



Este e outros títulos do nosso catálogo estão disponíveis em audiolivro.

editoraarqueiro.com.br

